

Educar para a equidade - reflexões sobre a educação interprofissional e as desigualdades de gênero em saúde: revisão integrativa

Júlia da Silva Nogueira¹; Júlia Rocha Correia¹; Lara Castro Caixeta Sabino¹; Maria Luiza de Jesus Fleuri¹; Yasmin Carolina Coelho da Mata Cardoso¹; Giovana Galvão Tavares²

1. Discente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA.
2. Docente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA.

RESUMO: As inequidades de gênero no ambiente de trabalho em saúde permanecem como uma questão estrutural e multifatorial que impactam diretamente no bem-estar e na saúde mental dos profissionais da saúde além da qualidade da assistência prestada; educação; aos usuários dos serviços. Nesse cenário, a educação interprofissional em saúde (EIP) desporta como uma estratégia relevante para enfrentar essas desigualdades, ao inibir a iniquidade; promover a aprendizagem colaborativa, o respeito entre as diferentes categorias profissionais profissionais e a valorização equitativa dos saberes. O presente estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados PubMed e Scientific Electronic Library Online (SciELO), com o objetivo de explorar as estratégias de educação interprofissional em saúde que têm capacidade de alterar as iniquidades de gênero no ambiente de trabalho em saúde. Foram incluídos 20 artigos publicados entre 2019 e 2025, analisados quanto aos métodos, contextos e resultados apresentados. As evidências apontam que a EIP contribui para a redução das hierarquias institucionais, melhora da comunicação e cooperação entre equipes multiprofissionais, além de favorecer a conscientização sobre as desigualdades de gênero e a promoção de ambientes de trabalho mais saudáveis, justos e colaborativos. Apesar das limitações quanto à escassez de estudos que abordem a EIP como foco central, conclui-se que a inserção da perspectiva de gênero nas ações de educação permanente e nas políticas de gestão em saúde é fundamental para o avanço da equidade, da valorização profissional e do bem-estar das equipes de saúde.

INTRODUÇÃO

As desigualdades de gênero no ambiente de trabalho em saúde permanecem como um desafio global, manifestando-se em disparidades salariais, limitações no acesso a cargos de liderança e

maior sobrecarga física e emocional entre as mulheres. Essas iniquidades afetam diretamente o bem-estar e a saúde mental das profissionais, estando associadas a elevados índices de burnout, fadiga e até sintomas auditivos.¹ Estudos indicam que as estruturas hierárquicas e as relações de poder historicamente consolidadas nesse setor contribuem para a reprodução dessas desigualdades, reforçando papéis sociais desiguais e dificultando a plena valorização do trabalho feminino.²

Nesse contexto, observa-se que as condições laborais e o reconhecimento profissional estão profundamente atravessados por desigualdades de gênero, raça e classe, determinando não apenas diferenças salariais, mas também distintos níveis de comprometimento da saúde mental.³ Pesquisas evidenciam que profissionais de saúde do sexo feminino enfrentam maior sobrecarga emocional, o que acentua a vulnerabilidade psicossocial e o risco de adoecimento.⁴

Diante desse cenário, a educação interprofissional em saúde (EIP) desponta como uma estratégia relevante para a promoção da equidade de gênero, uma vez que estimula o aprendizado colaborativo, o respeito mútuo entre diferentes categorias profissionais e a construção conjunta do cuidado. Estudos demonstram que intervenções educacionais em saúde podem mitigar tais desigualdades ao promover o trabalho em equipe, a cooperação e a valorização igualitária entre os profissionais.⁵

Considerando a importância dessa abordagem, a presente revisão integrativa da literatura tem como objetivo, por meio da análise de estudos recentes, explorar as estratégias de educação interprofissional em saúde que possuem potencial para alterar as iniquidades de gênero no ambiente de trabalho em saúde. Desse modo, busca-se compreender de que forma a EIP tem sido utilizada como ferramenta de transformação das relações laborais, bem como identificar suas potencialidades e limitações na promoção da equidade e na melhoria do bem-estar dos profissionais.⁶

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que buscou responder à seguinte questão norteadora: “Quais estratégias de educação interprofissional têm capacidade de alterar as iniquidades de gênero no ambiente de trabalho em saúde?” A formulação da questão baseou-se na estratégia PICo, em que P representa a população – trabalhadores da saúde; I o interesse - educação permanente e estratégia de promoção de equidade interprofissional; e Co o contexto – ensino em saúde.

A busca dos estudos foi realizada nas bases de dados PubMed e Scientific Electronic Library Online (SciELO), no mês de setembro de 2025.

Utilizaram-se os descritores em ciências da saúde (DeCS) controlados “Health Education”, “Inequities” e “Health Workers”, combinados pelo operador booleano AND, de modo a refinar os resultados e garantir maior especificidade à pesquisa. Foram inicialmente identificados 119 artigos

publicados entre 2019 e 2025. Como critérios de inclusão, consideraram-se os estudos disponíveis gratuitamente na íntegra, publicados em inglês ou português e diretamente relacionados à questão norteadora. Foram excluídos os artigos duplicados e aqueles que não apresentavam relação com o objeto de estudo.

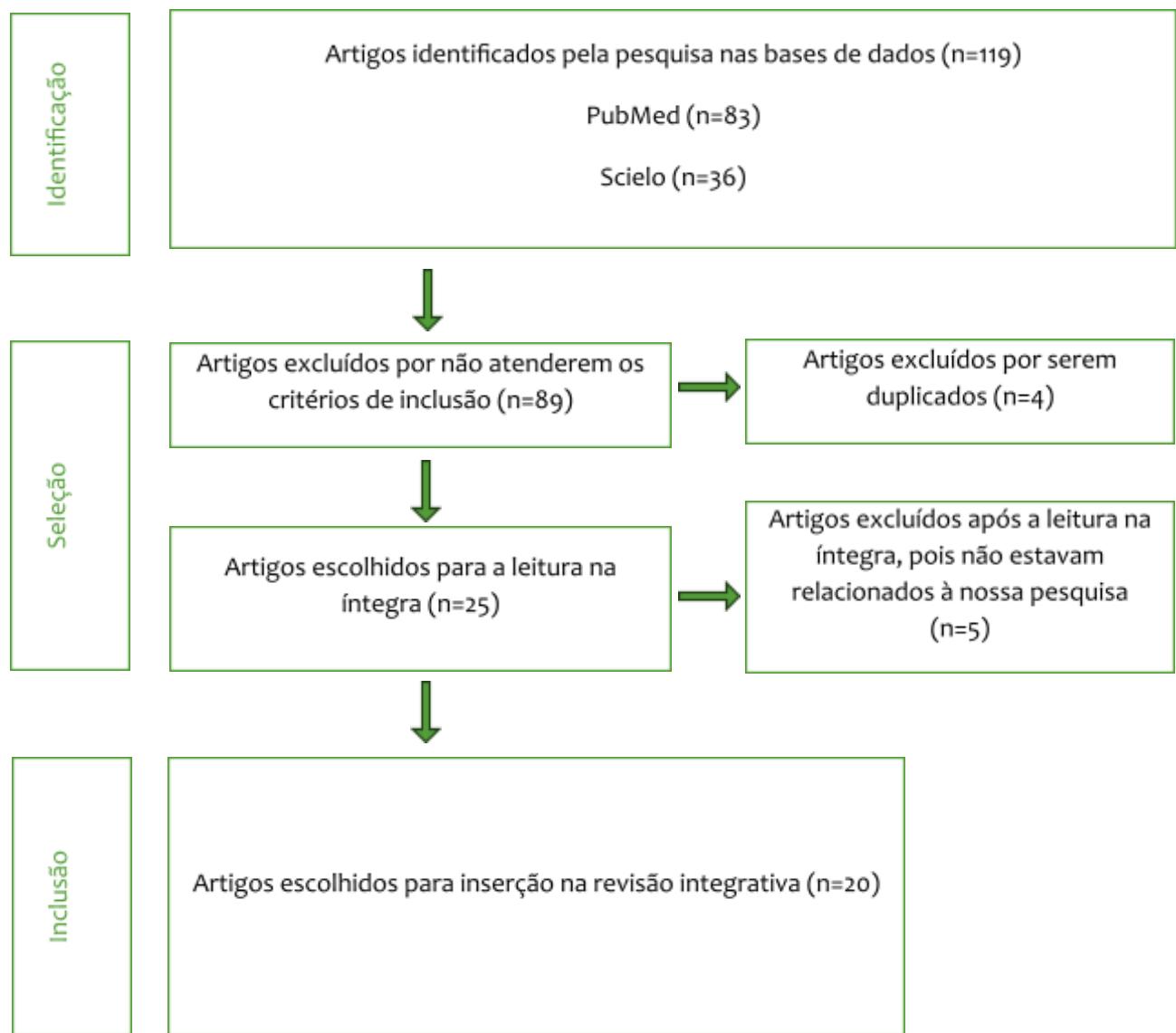
Após a aplicação dos critérios de elegibilidade, 20 artigos compuseram o corpus final da presente revisão integrativa, os quais foram analisados quanto ao conteúdo, abordagem metodológica e contribuições para a compreensão das iniquidades de gênero no âmbito da educação interprofissional em saúde.

RESULTADOS

A pesquisa realizada permitiu a escolha de vinte e cinco artigos, aos quais, vinte e um foram incluídos na presente revisão integrativa por atenderem à questão norteadora - “De que maneira a educação interprofissional em saúde pode alterar as iniquidades de gênero no ambiente de trabalho em saúde?” - e ao objetivo proposto.

Na figura 1, foram indicados os critérios de inclusão e exclusão dos artigos com as técnicas de pesquisa para a busca dos artigos da pesquisa.

Figura 1 Fluxograma das etapas de identificação, seleção e inclusão dos artigos.



Após a leitura das pesquisas, procedeu-se o agrupamento das informações mais relevantes de cada artigo (Quadro 1).

Quadro 1:

Códigos do artigo	Autor e ano	Tipo de estudo e amostra	Desfecho
A1	DAMACENO, R.C. et al., 2025	Estudo exploratório, transversal. 52 profissionais de enfermagem com histórico de Covid-19 em hospital público no Sul do Brasil.	Alta prevalência de burnout, fadiga e sintomas auditivos; vulnerabilidade psicossocial acentuada.
A2	CAMPOS, F.M. et al., 2020	Estudo transversal. 84 trabalhadores da saúde da Atenção Básica e Média Complexidade na Bahia.	Mostra desigualdades de gênero e raça na saúde mental, reforçando a importância de ações educativas e de equidade no trabalho.
A3	REUTER, M. et al., 2023	Estudo transversal. 3.142 jovens trabalhadores (Alemanha).	Indica que condições laborais determinam desigualdades, sugerindo promoção em saúde como estratégia preventiva.
A4	DILL J. et al., 2022	Estudo quantitativo transversal com 5.185 trabalhadores da saúde nos Estados Unidos da América.	Identificou desigualdades salariais e de valorização profissional entre gêneros e raças, apontando a necessidade de equidade no trabalho em saúde.
A5	CEZAR-VAZ, M.R. et al., 2022	Estudo descritivo, transversal com 342 profissionais da saúde atuantes na atenção primária no extremo sul do Rio Grande do Sul.	Relaciona condições laborais e saúde mental, destacando a educação interprofissional como meio de reduzir desigualdades.
A6	LIMA, G. K. M. et al., 2020	Estudo transversal. 120 profissionais da APS em Foz do Iguaçu (PR).	O estudo aponta que intervenções educacionais podem mitigar as iniquidades de gênero ao incentivar trabalho em equipe, cooperação e

			valorização igualitária entre os profissionais.
A7	SEXTON, J. B. et al., 2024	Estudo experimental, quantitativo, randomizado. 643 trabalhadores da área da saúde dos EUA.	O estudo mostra que intervenções educacionais podem melhorar o bem-estar e reduzir desigualdades no ambiente de trabalho.
A8	VERAS R. M. et al., 2024	Estudo qualitativo. Analisadas 1.090 disciplinas obrigatórias de 22 cursos de saúde da Universidade Federal da Bahia (UFBA).	Revela baixa inserção dos temas de gênero, raça e classe na formação em saúde. A ausência de uma educação interprofissional com perspectiva interseccional mantém as iniquidades de gênero e raça no ambiente de trabalho em saúde.
A9	MUNHOZ, O. L. et al., 2024	Estudo misto explanatório (quantitativo + qualitativo). 56 profissionais de enfermagem e 8 entrevistados.	Indica que estratégias educacionais fortalecem o trabalho em equipe, podendo reduzir o estresse e mitigar desigualdades estruturais e de gênero no ambiente hospitalar.
A10	BARKER, P. C. et al., 2021	Estudo experimental, quantitativo, randomizado. 529 pacientes em duas clínicas de medicina interna na universidade da Flórida.	O estudo indica que estratégias educativas interprofissionais acessíveis e inclusivas reduzem desigualdades estruturais (inclusive de gênero).
A11	ETHERINGTON, C. et al., 2021	Análise qualitativa secundária de entrevistas semiestruturadas. 66 profissionais de saúde do centro cirúrgico.	O ambiente cirúrgico ainda é altamente hierarquizado e masculinizado; reconhecer e discutir essas dinâmicas em contextos educativos é o primeiro passo para modificá-las.
A12	KLING, J. M. et al., 2022	Relato de conferência e estudo descritivo. 245 profissionais e educadores.	A educação interprofissional reduz iniquidades de gênero ao promover colaboração, respeito e práticas equitativas entre profissionais de saúde.

A13	NAWA, N. et al., 2021	Estudo quantitativo e qualitativo de métodos mistos. 257 estudantes da área da saúde	Este estudo sugere que a Educação Interprofissional, ao focar em competências de colaboração e papéis profissionais, serve como um indicador de proficiência e uma estratégia essencial que apoia a igualdade de oportunidades no futuro ambiente de trabalho em saúde.
A14	GARCIA-CALVENTE, M. D. M. et al., 2024	Estudo longitudinal multicêntrico com 1.294 cuidadores informais residentes em Granada (Andaluzia) e Gipuzkoa (País Basco), Espanha.	O estudo investiga as diferenças de gênero na saúde e qualidade de vida de cuidadores informais na Espanha, analisando o impacto das crises sociais e do apoio recebido. Sua abordagem busca compreender as desigualdades e contribuir para estratégias mais justas no campo da saúde.
A15	MURPHY, M. et al., 2022	Estudo qualitativo, exploratório, baseado em entrevistas semiestruturadas com 104 docentes (52 mulheres e 52 homens) de faculdades de medicina nos Estados Unidos, com formações variadas (MD e PhD) e em diferentes estágios da carreira.	As relações de mentoria na medicina acadêmica podem tanto reduzir quanto reproduzir desigualdades de gênero. Quando usadas de forma intencional, promovem apoio, reconhecimento e equilíbrio entre vida pessoal e profissional, funcionando como estratégia educativa para diminuir iniquidades.
A16	JR, Paulo et al., 2023	O estudo transversal, com 1.430 profissionais de saúde brasileiras.	O estudo revelou alta precarização do trabalho e impacto na saúde mental, ligado à opressão de gênero. Conclui-se que o problema exige políticas institucionais e educativas

			para garantir respeito e equidade de gênero no trabalho.
A17	OLIVEIRA, S. A. et al., 2024	Estudo transversal. 4.053 trabalhadores de enfermagem brasileiros.	A DASS-21 mostrou validade e confiabilidade adequadas para avaliar depressão, ansiedade e estresse, com invariância forte entre subgrupos, inclusive por sexo. Podendo ser utilizada em triagens interprofissionais e em ações de educação em saúde.
A18	RELYEA, M. R. et al., 2020	Estudo experimental. 180 trabalhadores de hospitais e clínicas de saúde dos Estados Unidos.	Evidenciou que após o uso do modelo de 5 estágios do “bystander”, houve redução de barreiras para intervir nas desigualdades de gênero e aumento de consciência e autoeficácia dos trabalhadores.
A19	SILVA-PEÑAHERRERA, M. et al., 2021	Estudo transversal analítico com comparação temporal de duas edições de inquérito de condições de trabalho e saúde. 2011: 12.024 trabalhadores, 2018: 9.032 trabalhadores.	Prevalência de saúde autoavaliada “ruim” em mulheres ligado a múltiplas jornadas, assédios e normas de gênero. Para a redução de desigualdades em saúde, propõe-se incluir letramento em gênero e interseccionalidade.
A20	MAGRI, G. et al., 2022	Estudo transversal. 1.829 profissionais de saúde do SUS.	Conclui-se que as experiências foram desiguais por profissão e atravessadas por gênero e raça, com mulheres sofrendo mais. A educação interprofissional pode padronizar capacitações e incorporar conteúdos antissexistas.

Os estudos selecionados apresentaram diferenças geográficas e metodológicas. A maioria foi publicada em inglês (n=13) e a minoria em português (n=7). Quanto ao delineamento metodológico, observou-se ensaios clínicos randomizados (n=2), estudos transversais (n=10), estudos mistos (n=2),

pesquisas qualitativas (n=2), análises qualitativas secundárias (n=1), estudos descritivos (n=1), estudos longitudinais multicêntricos (n=1), estudos experimentais não randomizados (n=1).

Os estudos abrangeram diferentes contextos de prática e formação em saúde, incluindo hospitais, atenção primária, ensino interprofissional e equipes multiprofissionais. Observou-se convergência nos achados quanto ao impacto da educação interprofissional (EIP) e de intervenções educativas colaborativas sobre aspectos como comunicação entre equipes, redução de hierarquias institucionais, melhora do bem-estar e diminuição das desigualdades de gênero.

Depois os artigos foram elencados em um quadro (quadro 2) de acordo com a sua similaridade em alguns temas.

Quadro 2:

Categoria temática	Subtemas	Observações	Referências
Educação Interprofissional e Estratégias para Equidade	Intervenções educativas e colaborativas	Estratégias interprofissionais fortalecem o trabalho em equipe, promovendo respeito e práticas equitativas entre profissionais.	A6, A7, A9, A10
	Formação continuada	Programas educativos favorecem a equidade e a cooperação multiprofissional.	A5, A12
	Políticas de equidade e transformação	Demandam-se políticas institucionais de valorização e combate às iniquidades.	A5, A12, A16, A20
	Abordagem pedagógica e interseccionalidade	Inserção de temas de gênero e raça nos currículos amplia a consciência crítica sobre desigualdades e estimula a comunicação entre as áreas.	A8, A11, A13, A15, A18
Desigualdades de Gênero, Raça e Classe no Trabalho em Saúde	Diferenças salariais e hierarquias	Evidenciam-se disparidades de remuneração, prestígio e ascensão entre gêneros e raças.	A2, A4
	Impacto psicossocial das desigualdades	Desigualdades estruturais afetam a saúde mental e o bem-estar dos trabalhadores.	A1, A3
	Resistências institucionais e acadêmicas	Ambientes hierarquizados e masculinizados reproduzem desigualdades simbólicas e materiais.	A15, A19
Condições Laborais, Saúde Mental e Qualidade de Vida	Burnout e vulnerabilidade psicossocial	A sobrecarga e a desigualdade de gênero aumentam fadiga e sofrimento emocional.	A14, A17

DISCUSSÃO

As iniquidades no ambiente de trabalho em saúde apresentam-se tanto por meio das diferenças salariais e hierárquicas, nas quais se observam menor remuneração, diferença de prestígio e dificuldade de ascensão^{3, 7}, quanto na resistência institucional, evidenciada por ambientes masculinizados e hierarquizados que reproduzem desigualdades simbólicas e materiais^{8, 9}. Essas iniquidades configuram-se como importantes fatores desencadeadores de doenças físicas, como sintomas auditivos, cefaleia e anosmia, e psíquicas, como burnout, fadiga, ansiedade e níveis elevados de estresse^{1, 10 – 14}.

A maior parte das evidências analisadas aponta que uma das estratégias para reduzir essas iniquidades é a abordagem pedagógica interseccional, por meio da inserção de discussões sobre os temas de raça e gênero no currículo, o que promove a consciência crítica sobre o assunto e melhora a comunicação entre as áreas^{2, 8, 15 – 17}.

Outras pesquisas indicam que intervenções baseadas em educação e colaboração interprofissional são altamente eficazes, pois promovem o respeito e favorecem práticas mais equitativas entre os profissionais^{5, 6, 11, 18}.

Além disso, a educação continuada constitui-se como uma estratégia relevante para o enfrentamento das iniquidades no ambiente de saúde, atuando na sensibilização e integração entre as equipes^{19, 20}. A criação de políticas institucionais também foi relatada como uma medida eficiente para a promoção da equidade^{4, 19 – 21}.

No entanto, para que a EIP seja realmente eficaz, é essencial abordar as barreiras estruturais existentes, sobretudo aquelas relacionadas às questões de gênero e hierarquia. Além disso, é necessário garantir a percepção de relevância sobre a EIP implementada e assegurar apoio institucional contínuo, de modo que seus efeitos positivos se mantenham ao longo do tempo²².

Como limitação desta revisão, destaca-se que alguns estudos abordam a EIP como ferramenta de redução das iniquidades de forma secundária, além da escassez de pesquisas que tratem do tema como foco principal de investigação.

Dessa forma, recomenda-se a realização de novos estudos que analisem, de maneira direta e aprofundada, a influência da EIP na diminuição das desigualdades presentes nos ambientes de trabalho em saúde, a fim de subsidiar políticas institucionais e práticas formativas mais equitativas.

CONCLUSÃO

O presente estudo alcançou o objetivo proposto ao evidenciar que a educação interprofissional em saúde constitui uma estratégia efetiva para reduzir as iniquidades de gênero no ambiente de trabalho em saúde, ao promover relações mais horizontais, colaborativas e sensíveis às diferenças. A análise dos estudos revelou que práticas educativas interprofissionais favorecem o reconhecimento mútuo entre categorias profissionais, fortalecem a autonomia de grupos historicamente subordinados, especialmente das mulheres, e contribuem para a transformação das estruturas institucionais que perpetuam desigualdades de gênero e poder.

Do ponto de vista teórico, a revisão reafirma a EIP como instrumento de promoção da equidade, sustentada em princípios de integralidade, corresponsabilidade e justiça social, alinhando-se às diretrizes das políticas de educação e saúde que visam a consolidação de práticas colaborativas. Em termos práticos, os achados apontam que a inserção de programas de educação permanente com perspectiva de gênero pode gerar ambientes de trabalho mais saudáveis, inclusivos e produtivos, reduzindo o adoecimento e melhorando a qualidade das relações interpessoais e da assistência.

No âmbito social, a incorporação da equidade de gênero na formação e no cotidiano dos serviços de saúde reforça a importância de políticas públicas comprometidas com a valorização profissional e a igualdade de oportunidades. Assim, conclui-se que promover a equidade de gênero por meio da educação interprofissional em saúde não apenas contribui para reduzir desigualdades estruturais, mas também fortalece o compromisso ético e social da formação e da prática em saúde orientadas à justiça, ao cuidado e à colaboração.

REFERÊNCIAS

- ¹DAMACENO, R. C.; et al. Aspects of general, mental, and auditory health among nursing team members of a public hospital affected by Covid-19. *Revista CEFAC*, v. 27, n. 1, 2025. DOI: 10.1590/1982-0216/20252712124
- ²ETHERINGTON, C.; et al. Barriers and enablers to effective interprofessional teamwork in the operating room: a qualitative study using the Theoretical Domains Framework. *PLOS ONE*, v. 16, n. 4, e0249576, 2021. DOI: 10.1371/journal.pone.0249576
- ³CAMPOS, F. M.; et al. Estresse ocupacional e saúde mental no trabalho em saúde: desigualdades de gênero e raça. *Cadernos Saúde Coletiva*, v. 28, n. 4, p. 559-573, 2020. DOI: 10.1590/1414-462X202028040559
- ⁴MAGRI, G.; et al. Desigualdade em meio à crise: uma análise dos profissionais de saúde que atuam na pandemia de COVID-19 a partir das perspectivas de profissão, raça e gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 11, p. 4131-4144, 2022. DOI: 10.1590/1413-812320222711.01992022

⁵LIMA, G. K. M.; et al. Qualidade de Vida no Trabalho e nível de estresse dos profissionais da atenção primária. **Saúde em Debate**, v. 44, n. 126, p. 774-789, 2020. DOI: 10.1590/0103-1104202012614

⁶SEXTON, J. B.; et al. Well-Being Outcomes of Health Care Workers After a 5-Hour Continuing Education Intervention: The WELL-B Randomized Clinical Trial. **JAMA Network Open**, v. 7, n. 9, e2434362, 2024. DOI: 10.1001/jamanetworkopen.2024.34362

⁷CARRILLO-GARCÍA, C.; et al. Influência do gênero e da idade: satisfação no trabalho de profissionais da saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 21, n. 6, 2013. DOI: 10.1590/0104-1169.3224.2369

⁸MURPHY, M.; et al. Mentoring Relationships and Gender Inequities in Academic Medicine: Findings From a Multi-Institutional Qualitative Study. **Academic Medicine**, v. 97, n. 1, p. 136-142, 2022. DOI: 10.1097/ACM.0000000000004388

⁹SILVA-PEÑAHERRERA, M.; et al. Monitoring Self-Perceived Occupational Health Inequities in Central America, 2011 and 2018. **American Journal of Public Health**, v. 111, n. 7, p. 1338-1347, 2021. DOI: 10.2105/AJPH.2021.306276

¹⁰REUTER, M.; et al. Health inequalities among young workers: the mediating role of working conditions and company characteristics. **International Archives of Occupational and Environmental Health**, v. 96, n. 10, p. 1313-1324, 2023. DOI: 10.1007/s00420-023-02010-6

¹¹MUNHOZ, O. L.; et al. Prevalence and association between stress and anxiety in perioperative nursing professionals: mixed methods research. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 33, e20230347, 2024. DOI: 10.1590/1980-265X-TCE-2023-0347en

¹²GARCIA-CALVENTE, M. D. M.; et al. Gender Inequalities of Health and Quality of Life in Informal Caregivers in Spain: Protocol for the Longitudinal and Multicenter CUIDAR-SE Study. **JMIR Research Protocols**, v. 13, e58440, 2024. DOI: 10.2196/58440

¹³OLIVEIRA, S. A.; et al. Evidências de validade da Depression, Anxiety and Stress Scale entre trabalhadores de enfermagem brasileiros. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 38, 2025. DOI: 10.37689/acta-ape/2025AO0003261

¹⁴ELIAS, Marisa Aparecida; NAVARRO, Vera Lúcia. A relação entre o trabalho, a saúde e as condições de vida: negatividade e positividade no trabalho das profissionais de enfermagem de um hospital escola. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, p. 517-525, 2006.

¹⁵VERAS, R. M.; et al. Interseccionalidade de gênero, raça e classe na formação de profissionais de saúde na UFBA. **Anais do Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades**, v. 3, 2024. ISSN 2764-4758

¹⁶E NAWA, Nobutoshi et al. Differential effects of interprofessional education by gender and discipline among medical and dental students in Japan. **MedEdPublish**, v. 10, p. 52, 2021.

¹⁷RELYEA, M. R.; et al. Evaluating Bystander Intervention Training to Address Patient Harassment at the Veterans Health Administration. **Women's Health Issues**, v. 30, n. 5, p. 320-329, 2020. DOI: 10.1016/j.whi.2020.06.006

¹⁸BARKER, P. C.; et al. The Effect of Health Literacy on a Brief Intervention to Improve Advance Directive Completion: A Randomized Controlled Study. **Journal of Primary Care & Community Health**, v. 12, p. 1-8, 2021. DOI: 10.1177/21501327211000221

¹⁹CEZAR-VAZ, M. R.; et al. Domains of Physical and Mental Workload in Health Work and Unpaid Domestic Work by Gender Division: A Study with Primary Health Care Workers in Brazil. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 16, e9816, 2022. DOI: 10.3390/ijerph19169816

²⁰KLING, J. M.; et al. Sex and Gender Health Educational Tenets: A Report from the 2020 Sex and Gender Health Education Summit. **Journal of Women's Health**, v. 31, n. 7, p. 905-910, 2022. DOI: 10.1089/jwh.2022.022

²¹JR, Paulo; et al. Women and working in healthcare during the Covid-19 pandemic in Brasil: bullying of colleagues. **Globalization and Health**, 2023. DOI: 10.1186/s12992-023-00911-2

²²GRAND-GUILLAUME-PERRENOUD, J. A.; et al. How does interprofessional education affect attitudes towards interprofessional collaboration? A rapid realist synthesis. **Advances in Health Sciences Education**, v. 30, p. 879-933, 2025. DOI: 10.1007/s10459-024-10368-6